



DAS DIRETRIZES EDUCACIONAIS À REALIDADE DIDÁTICA: VARIANTES LINGUÍSTICAS NO LIVRO DIDÁTICO

Jildonei LAZZARETTI (UNEMAT)¹
Beatriz da Silva OLIVEIRA (UNEMAT)²
Rayani Andressa da Cruz OLIVEIRA (UNEMAT)³
Jocineide MACEDO-KARIM (UNEMAT)⁴

Resumo: Este artigo desenvolve uma análise comparativa entre os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Médio e os livros didáticos no que se refere às variantes linguísticas. Apresentamos como resultados da pesquisa análises dos livros didáticos: (1) o livro *Língua Portuguesa, linguagem e interação* (FARACO, MOURA, MARUXO JR, 2010) e (2) o livro *Português Projetos* (FARACO e MOURA, 2005). Nas análises procuramos observar os referenciais em relação à adequação ou não dos livros didáticos em relação às orientações dos PCN'S de língua portuguesa.

Palavras-chave: Sociolinguística. Livro didático. PCN'S. Variante linguística.

Abstract: This paper develops a comparative analysis of the National Curriculum Standards for High School Portuguese and textbooks with regard to language variants. Here as search results analyzes of textbooks: (1) the book Portuguese, language and interaction (FARACO, Moura, MARUXO JR, 2010) and (2) the book Portuguese Projects (FARACO and Moura, 2005). In the analyzes we paid attention to the references as to the suitability or otherwise of textbooks in relation to the guidelines of the Portuguese PCN'S.
Keywords: Sociolinguistics. Textbook. PCN'S. Linguistic variant.

1. Introdução

Neste artigo pretende-se inicialmente observar as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) do Ensino Médio no que se refere às variantes linguísticas e demais questões relacionadas aos aspectos sociolinguísticos da língua. A partir disso, partimos para análises de alguns livros didáticos de Ensino Médio, identificando aqueles que atendem ou não às orientações dos PCN'S, considerando que suas “diretrizes têm como referência a perspectiva de criar uma escola média com identidade, que atenda às expectativas de formação escolar dos alunos para o mundo contemporâneo.” (BRASIL, 1999, p. 4). Tendo em vista, organizar a formação escolar para o mundo contemporâneo, levar em consideração a diferença, o outro enquanto ser de relação.

¹ Graduando em Letras. Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres-MT/Brasil. jildoneilazzaretti@hotmail.com.

² Graduanda em Letras. Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres-MT/Brasil. beatriz2695@hotmail.com.

³ Graduanda em Letras. Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres-MT/Brasil. raayacruzoliveira@hotmail.com.

⁴ Doutorado em Linguística. Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres-MT/Brasil. jocineidekarim@yahoo.com.br – Orientadora desta pesquisa.



E no âmbito da linguagem, agir dessa maneira é basear-se na sociolinguística enquanto “estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (ALKMIM, 2001, p. 31).

2. Indicações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Médio da área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, desde sua apresentação já se mostram como um “documento de natureza indicativa e interpretativa” (BRASIL, 1999, p. 4) que propõe o diálogo, a interação e a construção de significados. Percebe-se aí que os Parâmetros Curriculares Nacionais não buscam a cristalização de padrões nem a adoção de uma postura teórica inflexível; ao contrário, pretendem indicar caminhos, que estão abertos à interpretação e ressignificação.

Seguindo essa postura flexível e dinâmica, o PCN de Língua Portuguesa concebe a Linguagem como um organismo vivo em constante desenvolvimento e sujeito a mudanças. Tal concepção está implícita quando, no texto do documento, o adjetivo “prenha” é usado em relação à linguagem, indicando assim a possibilidade de que a mesma “dê à luz” vários significados: “Toda linguagem carrega dentro de si uma visão de mundo, prenhada de significados e significações que vão além do seu aspecto formal.” (Ibidem, p. 6). Mas, para que o ato de “parir” novos significados seja concretizado (aproveitando esse potencial de fertilidade da linguagem), é necessário que sejam garantidas as devidas condições para o “parto”. Tais condições referem-se à atitude de considerar a linguagem em sua totalidade de aspectos, sem dar exclusividade ao seu estudo formal, mas considerando sua relação interna com o sujeito da enunciação, sua relação com demais sujeitos, bem como seu contexto sociocultural:

O estudo apenas do aspecto formal, desconsiderando a inter-relação contextual, semântica e gramatical própria da natureza e função da linguagem, desvincula o aluno do caráter intrasubjetivo, intersubjetivo e social da linguagem (Ibidem, p. 6).

O Ministério da Educação na introdução de seu documento *PCN'S+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*, na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, afirma a necessidade de se considerar o contexto sociocultural em que a linguagem se desenvolve, e defende que: “o conhecimento de alguns conceitos de sociolinguística é essencial para que nossos alunos não criem ou alimentem



preconceitos em relação aos falares diversos que compõem o espectro do português utilizado no Brasil.” (BRASIL, 2002, p. 27).

Essa referência à área da Sociolinguística traz à tona um de seus principais conceitos: a variante linguística. Assim, o próprio PCN aplica essa terminologia referindo-se à norma padrão da Língua Portuguesa como sendo uma variante linguística que é tão valorizada quanto é valorizado o grupo social que ela representa:

(...) no estudo da linguagem verbal, a abordagem da norma padrão deve considerar a sua representatividade, como variante linguística de determinado grupo social, e o valor atribuído a ela, no contexto das legitimações sociais. Aprende-se a valorizar determinada manifestação, porque socialmente ela representa o poder econômico e simbólico de certos grupos sociais que autorizam sua legitimidade (BRASIL, 1999, p. 7).

Além disso, nas aulas de Língua portuguesa é necessário tratar da questão histórica da língua, a fim de que o aluno a perceba realmente como um organismo vivo e dinâmico que está em constante transformação e desenvolvimento.

Toda a experiência construída no passado deve ser analisada, em busca das relações que estabelece com o presente e o devir. Partilhar o conhecimento socialmente instituído, aquilo que foi herdado do passado, é apenas o começo do reconhecimento da parte que cabe a cada um no processo histórico, o dado (Ibidem, p. 7).

Ainda em relação à historicidade da língua, é preciso deixar claro que a linguagem verbal é uma construção humana e histórica de um sistema linguístico e comunicativo em determinados contextos. Portanto, no processo de ensino-aprendizagem não se pode ignorar os elementos contextuais que compõem esse sistema, como destacam os Parâmetros Curriculares Nacionais:

O processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa, no Ensino Médio, deve pressupor uma visão sobre o que é linguagem verbal. Ela se caracteriza como construção humana e histórica de um sistema linguístico e comunicativo em determinados contextos. Assim, na gênese da linguagem verbal, estão presentes o homem, seus sistemas simbólicos e comunicativos, em um mundo sociocultural (Ibidem p. 17).

Nesse sentido, os PCN’S insistem sobre a contextualização sociocultural da língua, uma vez que ela é utilizada como um instrumento simbólico para viabilizar as relações



humanas dentro de determinada sociedade. Assim, os PCN'S orientam a "considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social" (BRASIL, 1999, p. 14).

Tendo elencado as principais orientações e diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa acerca das variantes linguísticas e demais questões ligadas à sociolinguística, pode-se partir para aquilo que foi observado nos livros didáticos de Ensino Médio.

Nesta observação dos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio, buscou-se analisar se as orientações dos PCN'S realmente são atendidas e de que maneira a língua é concebida nesses instrumentos pedagógicos.

3. Análise do livro didático

a) *Língua portuguesa, linguagem e interação (vol. 2)*

O livro didático do Ensino Médio *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, volume 2, tem como autores Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Júnior. Os dois primeiros são licenciados em Letras pela USP e possuem uma vasta experiência na elaboração de livros didáticos no Brasil. Já Maruxo Jr. possui graduação, mestrado e doutorado em Letras pela USP, e atua como professor Adjunto da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Na apresentação do livro, percebe-se no primeiro momento que os autores buscam tratar das relações entre a linguagem do "dia a dia" e aquelas empregadas em situações formais. Eles dirigem-se ao aluno, colocando-o aparentemente como critério e referência de elaboração do livro: "Esta coleção foi feita especialmente para você. Com ela você perceberá que estudar a língua portuguesa é uma atividade envolvente, dinâmica e prazerosa" (FARACO, MOURA, MARUXO JR, 2010, p. 3). Ainda na apresentação do livro, os autores destacam como desenvolverão sua abordagem concebendo a linguagem com um instrumento de comunicação:

Os estudos de linguagem são propostos de uma forma que procura ser, sempre, a mais agradável e significativa. Assim, você poderá compreender as muitas relações que há entre a linguagem que você utiliza nas situações de



comunicação do dia a dia e aquela que deve empregar nas situações mais formais. E vai cada vez mais saber utilizar a língua portuguesa para se exprimir da maneira mais adequada (FARACO, MOURA, MARUXO JR, 2010, p.3).

O livro divide-se em quatro unidades, com três capítulos em cada uma das unidades. Cada capítulo possui subtítulos fixos, nos quais é abordado um determinado aspecto da Língua Portuguesa. Entre esses subtítulos, encontram-se dois cujo nome transmite a ideia de que serão abordadas as questões de variação linguística, a saber: “Linguagem oral” e “Prática de linguagem”.

No entanto, as questões trabalhadas nesses subtítulos restringem-se a adequar a linguagem falada às normas gramaticais e a orientar os alunos sobre como falar em apresentações e entrevistas. Assim, as variantes linguísticas são ignoradas, contrariando as propostas teóricas do livro e as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Por exemplo, no subtítulo “Linguagem oral” do capítulo cinco, os autores abordam a temática da ortografia, relacionando a linguagem oral e escrita: “Na língua portuguesa, a ortografia é um sistema que procura representar por escrito os sons das palavras.” (Ibidem, p. 156). Inclusive, é proposta ao aluno a adequação do seu falar às regras ortográficas: “fique atento aos erros frequentes” (Ibidem, p. 156). Essa atitude de abordagem da questão ortográfica num subtítulo sobre “linguagem oral” baseia-se no pressuposto de que a oralidade do aluno está errada e de que precisa se adequar à língua padrão com suas regras ortográficas. Desconsidera-se, assim, que a linguagem oral é uma variante linguística assim como a língua padrão, não podendo classificar suas manifestações como “erro”.

Já em relação ao subtítulo “Prática de linguagem”, apresenta-se aqui como exemplo a abordagem desenvolvida, no capítulo três, sobre as diferenças existentes no português:

O português daqui, dali, dalhures...

A língua portuguesa, como você já sabe, é fala por milhões de pessoas. Ao longo dos séculos, ela entrou em contato com outras línguas e foi se modificando (...) sendo influenciada pelas outras línguas e influenciando-as também. Assim, é natural que haja diferenças na forma como é falada em cada um desses lugares.

Os países que oficialmente se expressam em língua portuguesa constituem a chamada comunidade dos países de língua portuguesa e, às vezes, são genericamente designados como países da lusofonia (Ibidem, p. 108).

Nesse fragmento, percebe-se que há uma abordagem superficial da variação linguística, tratando apenas das diferenças existentes entre o português do Brasil, de Portugal e de Angola; e não aborda as variantes linguísticas existentes entre as diferentes falas



presentes no Brasil, ignorando as diferenças de classes sociais, idade, sexo e localização geográfica dos sujeitos da língua.

Deste modo, constatou-se que o livro *Língua Portuguesa, linguagem e interação* provoca um silenciamento da variante linguística, não a mencionando em conceitos, projetos nem exemplos. Mesmo que em sua apresentação o livro se coloque em consonância com os PCN'S, ao longo do seu desenvolvimento percebe-se que isso não se cumpre. Portanto o referido transmite uma visão parcial e limitada acerca da língua e de suas relações. Desse modo esse livro foi identificado como uma obra que desconsidera as orientações dos PCN'S em relação às questões da variação linguística em sua abordagem sobre a língua.

b) Livro didático *Português Projetos*

O livro didático do ensino médio *Português Projetos* (FARACO e MOURA, 2005), volume único, também possui como autores Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura. Porém, esse livro assume uma perspectiva diferenciada em relação àquele que foi mencionado anteriormente (entre cujos autores também estavam Faraco e Moura). De acordo com a apresentação do livro, o seu principal objetivo é oferecer ao aluno um instrumento que lhe possibilite analisar as várias manifestações culturais em língua portuguesa e produzir textos que expressem sua identidade.

Para tanto, os autores organizaram o livro em quatro unidades, cada uma seguida de uma proposta de trabalho com projeto. Os autores ressaltam que esses projetos são para dar mais autonomia ao professor, de modo que as atividades sugeridas em cada unidade podem ser aplicadas conforme a percepção do docente. Além disso, as atividades estão organizadas de modo a propiciar um trabalho interdisciplinar.

Analisando o referido livro, a fim de verificar como os autores veem a língua e como concebem a variação linguística, foi possível observar que os autores trazem um diferencial neste livro didático: os projetos, que constituem uma proposta de interação do o professor com os alunos e a língua. O livro está dividido em quatro unidades, cada uma com seu respectivo projeto. A unidade dois é aquela cujo projeto possui mais referências à variação linguística.

No projeto da unidade dois, cujo tema é "Cultura e preconceito", os autores abordam as variações linguísticas, ao tratar de forma sucinta, objetiva e clara a questão do preconceito. Primeiro, fala-se no preconceito de maneira geral em vários âmbitos da sociedade, e



posteriormente chegam às seguintes especificações em relação à língua: "Manifestação do preconceito e linguagens" e "Preconceito linguístico" (Ibidem, p. 62-63). Tais temas desenvolvem textos que servem de esclarecimento, reflexão e suporte, sobretudo para possíveis discussões em sala de aula, conforme se pretende nos objetivos do projeto: "Contribuir para a reflexão sobre preconceitos de qualquer tipo, com ênfase no preconceito linguístico, visando à urgência de assegurar o convívio pacífico entre membros de diferentes culturas" (Ibidem, p. 62).

A partir desses temas propostos no projeto do livro, nota-se que os autores concebem a língua de forma ampla, como importante instrumento de comunicação da sociedade, o qual pode ser instrumentalizado também para excluir: "O preconceito pode manifestar-se pelas várias linguagens - a verbal falada, a verbal escrita (...)" (Ibidem, p.62).

Ainda no projeto, os autores evidenciam a importância de se respeitar as variantes linguísticas: "Todo preconceito leva à discriminação e, nesse sentido, o linguístico pode atingir proporções dramáticas. Ridicularizar o outro pela variante que ele utiliza não tem sido uma raridade em nosso país, não só nas trocas sociais imediatas como também na mídia" (Ibidem, p.64).

Essa proposta de projetos no livro didático torna-se mais interessante e relevante pelas inúmeras possibilidades de interação que são proporcionadas entre professor e aluno:

- 1- questionar com os alunos a ideia de que nosso país tenha uma só língua, uniforme e estática (...);
- 2- Sistematizar com os alunos as ocorrências que a gramática considera erradas e levá-los a concluir que a chamada linguagem popular também apresenta regularidade dá a ela status de sistemas, desautorizando assim a caracterização de determinadas variantes como "engraçadas", "feias", "erradas" (...);
- 3- Não deixar de lado o auto preconceito, ou seja, a imagem negativa que o falante tem de sua própria performance, muito comum entre os brasileiros, que consideram o português uma língua difícil e cujo domínio jamais serão capazes de conquistar (Ibidem, p.64 -65).

Nesses questionamentos que o projeto propõe, identifica-se uma forma interativa, interdisciplinar e crítica por meio da qual os professores podem trabalhar com os alunos, considerando suas variações linguísticas e fazendo com que os alunos conheçam e reflitam sobre as variantes que o Brasil possui. Tais questões podem ser aprofundadas pelo professor por meio da leitura da obra *Preconceito linguístico, como é, como se faz*, de Marcos Bagno, que é mencionada na bibliografia do livro didático.



Para viabilizar a proposta do projeto, no capítulo um da unidade dois, os autores apresentam textos e atividades que seguem uma linearidade de raciocínio, a fim de possibilitar ao professor o desenvolvimento do tema do preconceito linguístico. Inicialmente, apresentam diversas formas de leis e normas (como o código de Hamurabi, os dez mandamentos e a Constituição Federal brasileira), para defender a ideia de que ao longo da história “O ser humano se organiza e cria leis de convivência...” (FARACO e MOURA, 2005, p. 66).

Além disso, são apresentados textos como base ou chave de leitura para interpretação e desenvolvimento dos textos e atividades propostas:

1- “Desde os primórdios, antes mesmo do surgimento da escrita, o ser humano se organiza coletivamente. A existência de uma comunidade só é possível se houver normas que regulam a convivência pacífica dos membros organizados” (Ibidem, p.66).

Assim, ao abordar textos relacionados a diversas legislações e normas, os autores transmitem a ideia de que essas “leis” existem e são criadas para garantir uma convivência humana adequada e pacífica. A partir desse dado, o professor pode estabelecer relações com a questão linguística: demonstrando que as “leis” ou normas da língua têm também o objetivo de assegurar a convivência e a comunicação adequada entre determinado grupo de pessoas; mas que, no dia-a-dia, essas normas são absolutizadas de tal modo que se constituem como instrumento de exclusão, sendo utilizadas por muitos para condenar e depreciar aqueles que não seguem essas normas da língua. Portanto, as “leis” no campo da linguagem em vez de incluir as pessoas para uma convivência adequada, são usadas para promover o preconceito linguístico.

Já no capítulo dois da segunda unidade, os autores adentram a questão da historicidade da língua por meio da proposta de leitura de um fragmento da Carta de Pero Vaz de Caminha. Tal proposta vem inserida no texto *As línguas são dinâmicas*, que introduz a questão afirmando claramente que “a *Carta de Pero Vaz*, lida hoje, no século XXI, é um bom exemplo de que nenhuma língua viva é estática, sofre mudanças lentas, mas constantes” (Ibidem, p. 119). Para que os alunos percebam o desenvolvimento dinâmico e contínuo da língua, os autores propõem algumas atividades a serem realizadas a partir da leitura do texto.

1. Retire das citações da *Carta* ocorrências que seriam “infrações” às seguintes regras da gramática normativa atual (...)
2. A gramática normativa atual apontaria outras “infrações” nos trechos



lidos. Quais? (Ibidem, p.119).

Essas constatações que demonstram uma concepção dinâmica de língua no livro didático *Português Projetos* atestam que esse livro segue as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais e que, portanto, é consistente para ser utilizado em sala de aula, possibilitando maior interação entre o aluno, o professor e a língua, com seus diversos contextos.

4. Considerações finais

Como se pode depreender da análise realizada, nem todos os livros didáticos atendem às orientações dos PCN'S de língua portuguesa em relação às variantes linguísticas. Inclusive, os exemplos demonstrados manifestam uma peculiaridade intrigante: dois autores (Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura) estavam presentes entre os autores de ambos os livros, tanto no que atendeu às orientações como no que não as cumpriu. Isso indica que existem inúmeros fatores que condicionam a concepção de língua assumida pelos autores dos livros, a qual não é fruto apenas da opção ideológica dos mesmos ou dos referenciais teóricos nos quais eles se baseiam. Entre os demais fatores pode-se apresentar como uma grande influência hipotética a questão comercial, visto que, além de instrumentos pedagógicos, os livros didáticos são o produto comercializado dentro de um grande mercado editorial. Assim, pode-se deduzir que os mesmos autores seguem posturas diversas em livros diferentes, a fim de garantir sua permanência e hegemonia no mercado.

Porém, certamente tal postura é problemática e não prioriza o processo de ensino aprendizagem da língua de forma integral. O grande referencial para os livros didáticos deveria ser a realidade linguística, marcada por complexidades e contextos diversos que possibilitam o desenvolvimento das variedades linguísticas. Portanto, como afirma Possenti: “é no momento em que o aluno começa a reconhecer que sua variedade linguística como uma *variedade entre outras* que ele ganha consciência de sua identidade linguística e se dispõe à observação das variedades que não domina” (1996, p. 86).

5. Referências

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. V. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.



BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN'S+ ensino médio**: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 2002.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco. **Português**: projetos. Vol. único. São Paulo: Ática, 2005.

FARACO, Carlos E.; MOURA, Francisco; MARUXO JR., José Hamilton. **Língua Portuguesa**: linguagem e interação. Vol. 2. São Paulo: Ática, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996.